



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



POR LAURA COSTA MARQUES

DESENHOS DE A. CASTANÉ

— (Adaptação de um conto francês) —

ZÉZITO dormia admiravelmente, quando o relógio bateu, lentamente, as doze pancadas da meia-noite, de tal forma que Zézito acordou sobressaltado e aflito: Que demónio é isto?! Parece que o relógio não está bom de cabeça, para bater assim?!

Escutou, então. Ao lado, no quarto dos brinquedos, sentiu barulho: caixas que se abriam e fechavam, passinhos meídos, conversas e risadas soltas. Não há dúvida que sinto gente... pensou ele intrigado.

O nosso herói tinha muito medo de se levantar de noite, à meia-noite sobretudo! Mas, como a curiosidade venceu o medo, levantou-se devagarinho, abriu a porta do quarto dos brinquedos, e, com as mesmas infinitas precauções, sentou-se a um canto e olhou:

Que maravilha! A decoração verde-mar, afor-moseada pelo brilho de mil velas electricas, tinha um aspecto surpreendente.

— Finalmente, que paródia vem a ser esta? — ia Zézito a exclamar, quando deu entrada na sala, deliciosamente vestida e adornada, a «Fada» das bonecas, solenemente convidada a presidir àquela grande «soirée». Neste momento, cansados de brincar, de saltar, de rir, as bonequitas estavam sentadas, e bebiam golinhos de chá quente e aromático, enquanto mordiscavam pasteis e carnes frias.

«Mimi», boneca holandesa, de grandes olhos negros, teve uma idéa:

Por favor, senhora Fada, faça-nos caricaturas!

— Oh! sim, senhora Fada! — suplicaram, em côro, as bonequinhas, — faça-nos caricaturas.

Não está nos hábitos das fadas fazerem-se ro-



gadas. Dizem imediatamente: «não» e é não! — ou então: «sim» e é sim!

De modo que a fada disse:

Sim, amiguinhos, vejamos primeiro:

— De quem quereis que vos faça a caricatura?

— Da Ricardina! — gritaram todos.

Ricardina era o nome da governanta de Zézito e de sua irmã Lena.

A fada pegou na «varinha», tocou no nariz dum boneco e... pronto! apareceu o retrato de Ricardina, muito feio, é claro, com um grande nariz, boca enorme e dentes negros.

As bonequinhas riam! E, Zézito também, mas baixinho, muito baixinho, para não o ouvirem...

Em seguida o «urso branco» (pessoa, quero dizer, bicho muito considerado no reino animal) pediu a caricatura de Lena.

Pois não! — e, com uma só pancada, apareceu Lena, Lena muito feia, com grandes olhos cobiosos e pequena boca de gulosa, muito gulosa, ante um enorme dragão, em doce, que lhe mostrava a Fada...

As bonequinhas riam! E Zézito também, mas em surdina, com a mão na boca para não o ouvirem...

Por fim, a boneca chinesa sugeriu:

Agora, a caricatura do «estouvado Zézito».

E a fada, com a sua varinha, fez aparecer Zézito, em caricatura, muito feio, muito ridículo.



As bonequinhas riam, riam! Mas, desta vez, Zézito não riu; pelo contrário, ficou de tal forma vexado e arreliado que saiu do seu canto — (bem melhor teria feito se lá se deixasse ficar!...) — e, com as sobrancelhas franzidas, os lábios apertados,

avançou até ao meio da assistência e disse:

— Poucavergonha! Faziam melhor se estivessem quietos! — Sabei, primeiramente, senhora mal educada, que não sou nenhum estouvado. Sou até muito inteligente! Depois, em segundo lugar, sa-



bei também, menina impertinente, que não sou feio; sou menino bonito, muito bonito ou pelo menos mais bonito do que tu!

Quanto à fadazinha, saltou logo para junto do pequeno, tocou-lhe com a varinha e... pronto, do pobre Zézito estava um boneco qualquer...

Dirigindo-se a dois polícias, a fada ordenou:

Senhores soldados, levai este rapaz; colocai-o naquela cadeira, e que não se mexa!

Dito e feito. Num abrir e fechar de olhos, já Zézito estava amarrado e imobilizado.

Bonecos e bonecas instalaram-se em frente da cadeira onde o nosso herói morria de susto...

— Senhoras e senhores — disse a fadazinha — tenho a honra de vos apresentar um fenómeno de rapazinho, que se chama Zézito! Vêde como é bonito!

Será possível ter mais lindo rosto?! Infelizmente tem o nariz tão pequenino que desfeia um pouco a sua linda carinha. Vamos dar-lhe um, grande e grosso, que convem ao seu género de belesa. Assim... *trás, trás, trás...* ia batendo no nariz de Zézito, que engrossava, crescia, crescia, engrossava, tornando-se tão pesado e tão grande que quasi chegava ao chão. Oh! como é feio este nariz! disse a fada — desaparecei! E, imediatamente, desapareceu, ficando Zézito sem nariz! As bonequinhas riam cada vez mais! A fada continuou:

— Diga-me cá, menino Zézito, é verdade que, tendo seis anos, ainda não sabe ler?

Não sabe?! Então, digo-lhe que é um burro, um grandíssimo burro, e, como tal, necessita dum belo par de orelhas. Mas, logo que apareceram as



grandes e negras orelhas de burro, considerou a fada:

— Mas que feias orelhas, que feias! ; Desaparecei! E Zézito ficou sem orelhas.

Estava já bastante feio, é certo, mas a comédia continuava:

— Agora, vamos lá ver a língua... Parece-me que deve ser guloso...

Olha como é pequenina, tão pequenina!

Vou já dar-lhe uma grande e larga, que possa comer muitos bôlos ao mesmo tempo. E... pronto, logo uma língua enorme apareceu e desapareceu misteriosamente.

E o pobre pequeno estava agora sem orelhas, sem nariz e sem língua. Que fatalidade!

Entretanto, como a fadazinha não tinha, na verdade, um aspecto muito mau, talvez tivesse a boa lembrança, antes de se ir embora, de restituir ao infeliz moço o que lhe tinha roubado. Mas, de repente:

— *Có-có-ró-có!*... *Có-có-ró-có!*... *Có-có-ró-có!*...

Era o galo que cantava e o dia que surgia.

Rapidamente, bonecos e bonecas, policíias e Fadazinha foram para os seus lugares. Zézito fi-

cou só e, chorando, alcançou o quarto, meteu-se na cama, tapou-se com os lençóis e adormeceu.

De manhã, às oito horas, Zézito acordou ao ruído que a porta fazia, abrindo-se. Era a mamã que, como de costume, lhe trazia o seu chocolate.

Primeiro, ficou muito contente; mas, de repente, lembrou-se que já não era um rapazinho, e sim um pobre boneco, sem nariz, sem orelhas e sem língua.

Então, teve medo que sua mãe não o reconhecesse, não quizesse e o mandasse embora. Não se resolvia a abrir os olhos e fingia continuar a dormir. Entretanto, a mamã abraçava-o, e, como se nada tivesse acontecido, dizia-lhe:

«Vamos, grande preguiçoso; acorda, toma o teu chocolate, enquanto está quente».

— Assim que as narinas de Zézito foram agradavelmente surpreendidas pelo cheiro do chocolate, tremeu-lhe a linguíta.

— «Espera, mas eu tenho língua! e orelhas e nariz! Que engraçado!»

Então, Zézito nadou em alegria, e nunca o seu chocolate foi tomado com tanto apetite como naquela manhã.

TEATRO DE FANTOCHES — CONSTRUÇÃO PARA ARMAR — CONCURSO

Oferecemos hoje aos nossos pequeninos leitores um TEATRO de FANTOCHES que, depois de armado, pelo processo já, aqui, por vezes indicado, constituirá um engraçadíssimo divertimento.

Os meninos mais habilidosos poderão escrever peças, em um ou dois actos, em que figurem as personagens que se vêem na página central e que são: — a menina Rosa, o

senhor doutor, a alcoviteira, o policia, o senhor Prior, e o taberneiro.

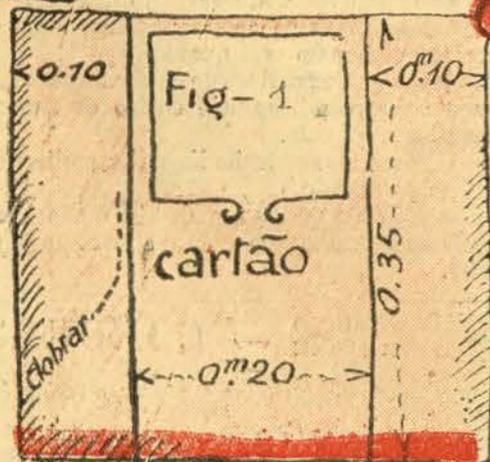
Das produções que nos forem enviadas até ao fim do mês de Fevereiro, escolheremos duas que serão premiadas com uma bela colecção de livros infantis e publicadas no nosso suplemento.

Mãos à obra, pois, futuros comediógrafos!

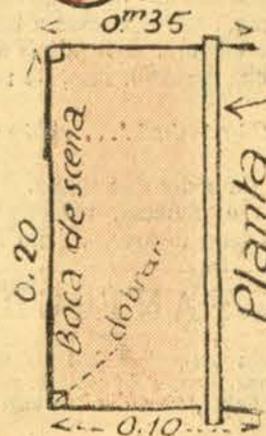


Fig. - 1

Colar esta figura
numa cartolina
forte, dando a for-
ma e as dimensões
indicadas no alça-
do e na planta, ao
Teatro, e pintando
depois a cartolina
de encarnado.



Alçado



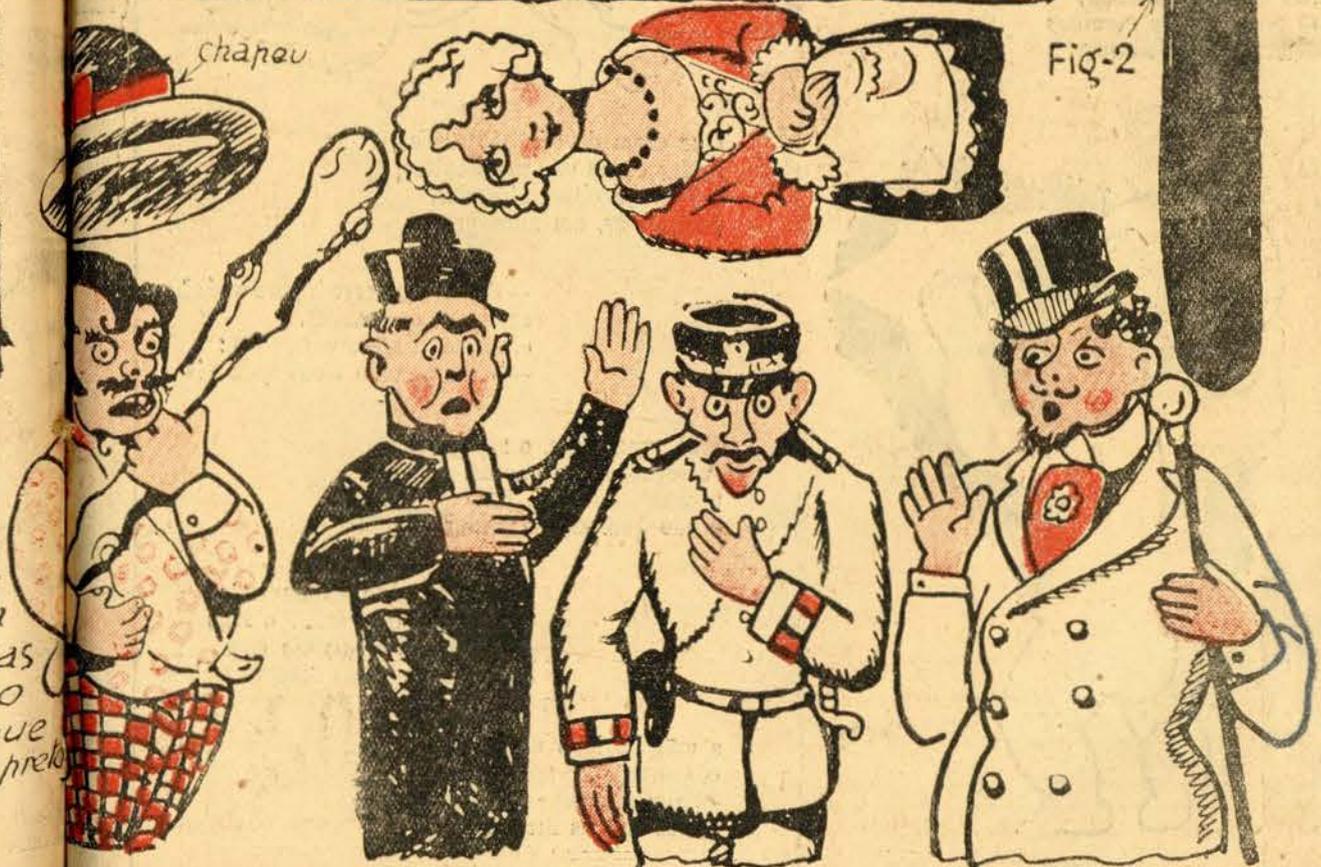
Rijade
madeira
para a de-
coração.

Planta

Colar sobra a
cartolina e re-
cortar, deixan-
do nas figuras
um cabo como
tem a Fig. 2, que
se pintará de preto.



Fig-2



O MENINO TEIMOSO

POESIA DE LINO E DESENHOS DE CASTANÉ

ERA uma vez um menino
bastante bonito, é certo,
mas, também, muito rabino,
um traquinas muito esperto.

Logo, desde pequenino,
foi candidato ao açoite;
não se calava o molino
quer de dia quer de noite.

De dia pedia o norte,
o sul, as nuvens, a aurora
e tinha birras de morte,
choradeira a toda a hora.

De noite, mil desacatos,
pedindo os astros do céu...
e até o miar dos gatos
quizera que fôsse seu.

Que havia jardins divinos,
lá no céu, ouviu dizer,
p'ra onde vão os meninos
mal acabam de morrer.



Que eram do céu as estrélas,
lindas como os seus bonitos;
e ficava a olhar p'ra elas,
pedindo-as, em altos gritos.

— «Também posso ir para o céu?...»
certo dia quiz saber,
e, então, a mãe respondeu:
— «Irás quando Deus quizer!»

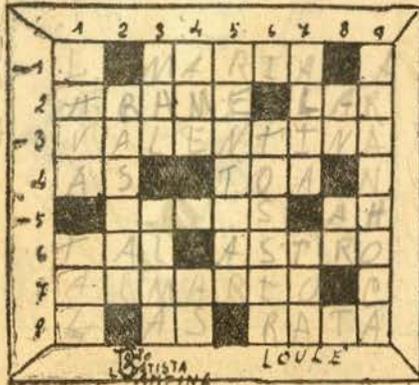
Mas, uma noite, o sujeito,
sossegado, sem chorar,
aconchegou-se no leito
e não quiz mais acordar,

Sorrindo, como a uma festa,
êle ao céu quiz ir... e foi!
Ausentou-se e—(como esta
ausência ás mães sempre doi, —

a mãe foi logo atrás dele,
e, entrando, também, no céu,
deixou-o quási sem péle,
tantos açoites lhe deu.

HORA DE A DIVINHA

RECREIO



PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
 —1, Consoante, nome de mulher, vogal. 2, Fio de metal, casa. 3, nome de mulher. 4, Carta de jogar, reboque, consoante. 5, Prato pequeno, interjeição. 6, Igual, corpo celeste. 7, Móvel, consoante.

te. 8, Consoante, carja, roi.

Verticais: — Chama, semelhante. 2, Apagar. 3, Antônimo de bem, tem o mesmo pai. 4, Estime, consoante, carta. 5, Cortar rente. 6, Vogal, ter tosse. 7, Tempo de verbo, reboque. 8, Vogal nasal, respirá-se, consoante. 6, Aumentativo de aranha.

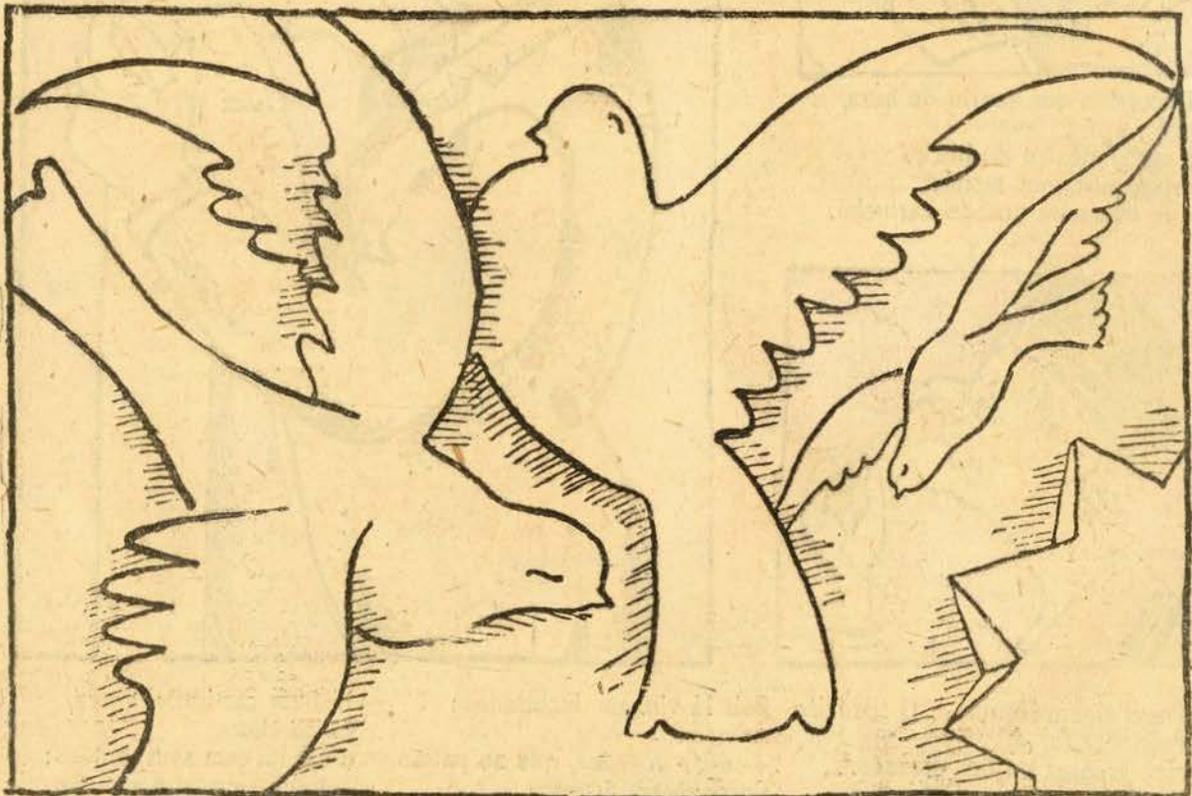


SOLUÇÃO DAS CHARADAS ANTERIORES

Visconde — Voz — Jerónimos — Flora — Férias — Albertina — Rosa.

Meus meninos:
 Esta mamã anda em busca do filho que não sabe para onde fugiu. Vejam se o descobrem.

PARA OS MENINOS COLORIREM



UM MILAGRE



— Dá-me um tostão, avozinho, (diz Chiquinho sempre alegre e sem cuidados) para poder ir comprar dez tostões de rebuçados?

— Um tostão só, meu rapaz?! Se és capaz de fazer milagre tal, toma lá o tostãozinho, pois que um tostão pouco vale!

Vendo o seu riso escarninho, diz Chiquinho, resolute, ao seu avô, já com a sua fígada: —vai ver se sou ou não sou!



Decorrido um quarto de hora, ei-lo, agora, a meter dentro do bucho rebuçados com fartura, que traz num grande cartucho.



Passa algum tempo... O tendeiro vem, ligeiro, com a conta ao fim do mês... Verificando a factura o avozinho enrug a tés.

Pois lá vinham facturados: rebuçados — — nove tostões, que ao patrão Chico ficara a dever porque só dera um tostão.

Já bem castigado, agora, Chico chora e diz lá com seus botões: —tinha sido bem melhor ter pedido os dez tostões!

